

O corpo e sua ambivalência histórica
na *Dialética do esclarecimento* de
Adorno e Horkheimer

*The Body and Its Historical Ambivalence
in Dialectic of Enlightenment
by Adorno and Horkheimer*

Resumo

O artigo faz uma análise da ambiguidade afetiva referente ao corpo, tal como concebido na *Dialética do esclarecimento* por Adorno e Horkheimer. A ideia de amor-ódio pelo corpo é interpretada no horizonte de uma dialética histórica em que vigora uma forte ambivalência na identidade pessoal quanto ao vínculo entre intelecto e corpo. Na argumentação defendemos a hipótese de que a imagem sexual na cultura de massa também é índice de um amor-ódio pelo corpo, pautando-nos pela ideia de catarse.

Palavras-chave: Corpo; Consumo; Theodor Adorno; Max Horkheimer; *Dialética do esclarecimento*

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). verlainefreitas@gmail.com

Recebido em: 03/08/2025 Aceito em: 20/10/2026

Abstract

The article offers an analysis of affective ambiguity regarding the body as conceived in Dialectic of Enlightenment by Adorno and Horkheimer. The idea of love-hate toward the body is interpreted within the horizon of a historical dialectic marked by a strong ambivalence in personal identity, in the bond between intellect and body. We aim to develop the argument in support of the hypothesis that the sexual image in mass culture is also an index of a love-hate relationship with the body, drawing on the concept of catharsis.

Keywords: Body; Consumption; Theodor Adorno; Max Horkheimer; Dialectic of Enlightenment

1. Introdução

Adorno fez várias referências ao corpo em sua obra filosófica, particularmente nos contextos em que dialoga com a psicanálise, como no excursus sobre Ulisses na *Dialética do esclarecimento* (escrito em conjunto com Max Horkheimer), em que o conceito de dominação da natureza interna é o princípio fundamental para o delineamento da história primeva da subjetividade¹. Nessa mesma obra, ao falar dos fundamentos histórico-filosóficos do anti-semitismo, Adorno e Horkheimer também abordam questões ligadas ao âmbito somático². Passando pelas *Minima Moralia*, onde o “prazer somático cego” é equacionado à utopia de ultrapassagem da violência infringida ao indivíduo pela sociedade totalmente socializada, chega-se à *Dialética negativa*, em que o sofrimento é concebido como essencialmente físico, como a dor do sujeito em sua condição de ser vivo. Nessa obra, o autor não poderia ser mais eloquente ao dizer que “a

1 Sobre o conceito de dominação da natureza interna, cf. Duarte, R. *Mimesis e racionalidade*. Belo Horizonte: Loyola, 1985.

2 Borges, T. F. *Interesse pelo corpo na Dialética do esclarecimento de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer*. Dissertação. 2010.

necessidade de dar voz ao sofrimento é condição de toda verdade. Pois o sofrimento é objetividade que pesa sobre o sujeito; aquilo que este vivencia como o mais subjetivo em si, sua expressão, é mediado objetivamente”³.

No presente artigo, escolhemos focalizar uma das faces da corporeidade como problema central da crítica cultural de Adorno. Trata-se da ambivalência afetiva referente ao corpo, tal como se apresenta em dois momentos na *Dialética do esclarecimento*, a saber: o fragmento intitulado “O interesse pelo corpo” e a abordagem da reprodução tecnológica do objeto de desejo sexual na cultura de massa, ou seja, na pornografia. A argumentação encaminha-se para demonstrar a ideia de que o consumo do corpo consubstancia a ambiguidade fundamental em relação a ele, tal como explicitada por Adorno e Horkheimer com a noção de um amor-ódio [*Haßliebe*]. Seguindo a indicação de Baudrillard de que o consumo implica diversas vezes a consumissão, o aniquilamento do objeto — tal como se diz que o fogo consumiu a casa —, o consumo da imagem sexual nos produtos tipicamente pornográficos da cultura de massa seria uma expressão de amor-ódio ao corpo como um objeto ao mesmo tempo desejado e repellido. Para isso, mobilizaremos o conceito de catarse, refletindo sobre a pertinência de sua aplicação na cultura de massa e no ato sexual.

2. A dialética histórica de submissão do corpo

O fragmento intitulado “Interesse pelo corpo” da *Dialética do esclarecimento* foi tema de diversos estudos⁴, pelo fato de abordar de forma sintética um aspecto conceitual nevrálgico de toda a dialética da racionalidade ocidental, a saber, o exercício violento da conformação social da realidade sobre a natureza humana. O conceito-chave de amor-ódio exprime uma noção psicanalítica

3 Adorno, T. *Negative Dialektik. Gesammelte Schriften*, vol. 2., Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997, p. 29. Sobre esse tema do sofrimento como princípio filosófico em Adorno, cf. Kieper, D.. *Individualität nach Adorno*. Tübingen: Francke, 1998, p.142: “A exposição das características descritivas da experiência não regulamentada deve preceder a fundamentação da dignidade cognitiva do indivíduo no sofrimento. Este fornece, para Adorno, a base (materialista) do conhecimento individual”. — Todas as traduções de obras em língua estrangeira nesse artigo são de nossa própria autoria.

4 Cf. por exemplo: Schultzer, L.. *Körperlichkeit bei Adorno. Eine Bestimmung anhand des Begriffs der Selbsterhaltung. Soziologiemagazin*, v.12, n.2, p. 38-55(2023); Lee, Y. L.. *Dialectics of the Body. Corporeality in the Philosophy of T.W Adorno*. New York & London: Routledge, 2005; Gruber, A.. *Leiblichkeit und Triebbegriff. Zum Schicksal des Körpers im poststrukturalistischen Dekonstruktivismus*. In: Kirchhoff, C. & Sehrieder, F. (Org.) *Freud und Adorno. Zur Urgeschichte der Moderne*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, pp.63-90, 2005, ; Borges, T. F. Op. cit.

extremamente relevante, a saber, a da ambiguidade efetiva, quando dois afetos opostos convergem para um mesmo objeto e, tal como ocorre em inúmeras formações derivadas do recalque de conteúdos inconscientes, o resultado final ora tende para um, hora para outra dos polos do investimento afetivo⁵. O viés psicanalítico da análise por Adorno e Horkheimer evidencia-se já na qualificação inicial de a história dos afetos, demandas, angústias e recusas dirigidas ao corpo ser subterrânea, não explicitada e, assim, não totalmente consciente⁶. A analogia com os processos delineados pela psicanálise desdobra-se na ideia de que tal corrente subterrânea eclode de forma violenta, explosiva, mortífera e avessa aos desideratos de progresso que sempre pautaram o esclarecimento ocidental⁷. O que é dito na primeira frase do primeiro capítulo do livro, a saber, de que a humanidade viveria naquele momento — décadas iniciais do século XX — uma “calamidade triunfal”⁸, pode ser transposto para a problemática do corpo como sua exortação ao mesmo tempo glorificante e mortífera, espetacular e degradante, afirmativa e negadora. Nesse encapsulamento da dialética esclarecida no corpo, três são os planos principais de análise: o trabalho, a religião e o nazi-fascismo, sendo eles atravessados pela lógica da dominação pautada pela divisão entre espírito e natureza, o intelecto e sensibilidade, coletividade e indivíduo. A cada passo argumentativo demonstra-se a ambivalência e na verdade contradição do valor e do desvalor agregados à lógica social de apropriação, domínio, evidenciação orgulhosa e martírio do corpo. — A esses três planos acrescentamos um quarto, o da cultura de massa, que focalizaremos no último item desse artigo.

Os planos do trabalho e da religião entrelaçam-se em vários momentos, em virtude de compartilharem intimamente a afirmação e a negação do corpo em meio à lógica de valorização da coletividade e de desvalorização do indivíduo, cuja promessa de salvação ocorre mediante o sacrifício, seja no

5 Freud, S. Das Unbewußte. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt: Fischer, pp.263-305.1999.

6 DA 265. A *Dialética do esclarecimento* será referenciada com a sigla “DA” (*Dialektik der Aufklärung*), seguida do número de página constante na edição indicada no item das referências bibliográficas. No corpo do texto, esse livro será designado como *Dialética*, para fins de concisão.

7 A ideia de o terror do nazifascismo significar um retorno violento da natureza recalcada foi desdobrada em Jay, M.. *Adorno*. Cambridge: Harvard University Press, 1984, p.38: “O fascismo, argumentaram Horkheimer e Adorno, pode, de fato, ser em parte compreendido como o retorno do passado mítico reprimido do homem e como a vingança da natureza dominada, a qual emprega muitas das ferramentas desenvolvidas pela razão instrumental a serviço dessa própria dominação”.

8 DA 19.

trabalho, seja na renúncia aos prazeres da carne⁹. O valor/desvalor do corpo é índice de uma ambivalência ideológica crassa: o trabalho enobrece, santifica e valoriza enquanto é desprezado por depender do que há de desprezível no ser humano: a dimensão somática, material, física, em oposição ao que há de nobre, elevado e sublime: o espírito, a razão, a alma. Tal dialética, porém, tornou possível as grandes obras literárias, pictóricas, filosóficas, o que ecoa tanto a formulação aristotélica de que o ócio é imprescindível ao exercício da filosofia, quanto a de Walter Benjamin de que “nunca houve um documento da cultura que não fosse, ao mesmo tempo, um documento da barbárie”¹⁰. Essa ambivalência torna-se especialmente aguda na lógica de autoavaliação de cada indivíduo, pois sua identidade se submete a uma clivagem que dificulta, por princípio, uma articulação conciliadora entre os planos do intelecto e do corpo. Afinal de contas, onde reside propriamente a fonte do valor pessoal? A radicalidade da ascese, da renúncia e da elevação espiritual sempre redundam em contradição ao que oferece um prazer, uma satisfação e um preenchimento afetivo incomparavelmente mais concreto, embora efêmero e incerto. Usando uma formulação psicanalítica, esse complexo de coisas torna especialmente difícil a satisfação narcísica do indivíduo, pois seu investimento egóico acaba marcado pelas contradições reinantes na atitude dominadora (e portanto repressora) do corpo individual, realizada por uma espécie de procuração interna em nome do interesse social e suas agências: códigos de ética, religião, trabalho, socialidade etc.¹¹

Como sói acontecer nos escritos de crítica cultural dos membros da assim Escola de Frankfurt, essa dialética ambivalente do corpo é situada na história, sendo lida a partir de suas “figuras” (*Gestalten*), como foi extensivamente feito nas partes principais da *Dialética*. De forma análoga a como o esclarecimento atravessou diversas etapas, cujo início parece coincidir com a própria instituição da cultura e suas formas primitivas de religiosidade, o corpo como algo distinto do espírito, um objeto a ser dominado, submetido a sacrifícios, mutilações, utilizado como instrumento a serviço de ideias, princípios e modelos de pensamento abstratos somente existiu na e pela cultura. Diferente da

9 A parte sobre o nazifascismo será vista no próximo item desse texto.

10 Benjamin, W. Über den Begriff der Geschichte. In: *Gesammelte Schriften*, vol., Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997, p.696.

11 Grande parte do núcleo argumentativo de Adorno e Horkheimer no excursus sobre Ulisses na *Dialética* baseia-se nessa contradição: o herói homérico se perde para se ganhar, e o alcançado por ele é uma compensação esmaecida para o que foi pedido e é irrecuperável como tal.

natureza externa, porém, o corpo nunca foi apenas objeto, uma coisa passível de ser lida como totalmente alheia o núcleo volitivo e intelectual, pois, como Schopenhauer procurou desenvolver longamente em seu conceito de vontade, temos com o *soma* uma relação imediata, direta, diferente de todos os outros objetos. É preciso, assim, focalizar esses dois aspectos interrelacionados.

A premência da autoconservação sempre exigiu o domínio da natureza externa e interna, e esta última tanto mais se definiu como coisa diferente do espírito, quanto mais a abstração conceitual unificou a sede de comando no intelecto. Tal como o impulso ao saber foi definido no capítulo inicial da *Dialética* não como amor à verdade, mas sim por sua associação ao poder, ao domínio da natureza e do semelhante, o corpo se constitui não em virtude de um impulso cognitivo, não por uma visão de mundo, mas em decorrência do exercício de poder.

Quanto ao segundo aspecto, ligado aos desejos, afetos e toda sorte de complexos excitativos, Adorno e Horkheimer apoiam-se explicitamente na ideia de “recalque orgânico” apresentada por Freud em seu *Mal-estar na civilização*:

*A retração dos estímulos olfativos parece (...) ser ela mesma consequência do afastamento do ser humano em relação à terra, da decisão de adotar a postura ereta, a qual torna visíveis e necessitados de proteção os genitais até então encobertos, provocando assim o surgimento do pudor. No início do funesto processo cultural estaria, portanto, a verticalização do ser humano.*¹²

Esta ideia concebe o recalque de um ponto de vista filogenético, apostando em uma espécie de memória biológica, nos indivíduos posteriores, dos efeitos supostamente vivenciados em épocas longínquas, situadas há milhares de anos. Trata-se de “apenas uma especulação teórica”, como diz o próprio Freud, e já há algum tempo essas hipóteses filogenéticas caíram em desuso no horizonte teórico da psicanálise, e o próprio Freud somente recorria a elas quando esgotava todas as hipóteses relativas aos eventos ontogenéticos, da história dos eventos na vida individual.¹³

12 Freud, S.. *Das Unbehagen in der Kultur*. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt: Fischer, 1999, p. 459, nota.

13 Sobre o questionável emprego da noção de filogenia na psicanálise, cf. Laplanche, J.. O filogenético. In: _____. *Novos fundamentos para a psicanálise*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, pp.32-41, 1992, .

Essa temática é extremamente complexa, e demandaria não apenas um, mas vários artigos para sua exposição adequada, mas podemos dizer, em linhas gerais, que o recalque de fato relaciona-se com o corpo de forma crucial. Seguindo as formulações de Jean Laplanche, dizemos que o recalque das excitações corporais decorre da vinculação do recém-nascido com os cuidados maternos, quando a amamentação e todas as trocas corporais, como a micção e defecação, produzem inúmeras formas de estimulações corporais que contêm muitas características do que virá a ser a sexualidade amadurecida, embora ainda sem a suficiente constituição do eu, das formas de identificação e de gênero, da canalização dos impulsos sexuais nos genitais e uma série de outros aspectos, o que caracterizaria essa fase como sexual/pré-sexual. Essa proto-sexualidade seria pervertida e polimorfa, distribuída por todo o corpo do bebê e, precisamente em virtude da precária ou mesmo inexistente instância de seu controle e represamento, o eu, ela teria uma força inapelavelmente traumatizante, constituindo o que Freud chamou de recalque originário. Nesse cenário, é interessante ressaltar a ideia de Laplanche de que o eu, instância recalcante por excelência, resulta de uma derivação tanto metafórica quanto metonímica do corpo: metafórica, porque o eu se forma como imagem especular interiorizada da totalidade corporal, do invólucro epidérmico; metonímica, já que o eu se constitui como uma espécie de prolongamento interno de toda a rede de estímulos sensoriais dispersos pelo corpo, algo como uma protusão coagulada dos nós de excitações proto-sexuais, virtualmente em todos os órgãos, tanto internos quanto periféricos. — Apesar de ainda teóricas, essas formulações não são especulativas, cuja vantagem consiste em localizar a origem dos investimentos afetivos ambivalentes do corpo no complexo histórico de formação de cada indivíduo, tornando possíveis as análises atuais, singulares, atravessando o complexo do psiquismo de cada pessoa¹⁴. — E voltemos agora às formulações de Adorno e Horkheimer.

A dialética histórica do corpo é delineada pelos autores em dois blocos: o ideal do *kalós-agathós* grego e da nobreza feudal, e o corpo mortificado da modernidade capitalista. — Vale notar que se excluiu todo o âmbito das civilizações mitológicas anteriores à Grécia. Seria possível traçar alguns elementos da concepção de corpo nessas épocas ancestrais a partir de pelo menos dois operadores utilizados na *Dialética*: o conceito de mimesis, a assim chamada flutuação mimética do ser humano com a natureza e seu semelhante — quando,

14 Sobre todo esse desenvolvimento temático, cf. Laplanche, J.. *Vida e morte em psicanálise*. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

por exemplo, o feiticeiro mimetiza a chuva em uma dança —, e o conceito de sacrifício, em que o sangue individual é derramado para reforçar o poder coletivo, que por sua vez confere dignidade ao sacrificado pelo fato de se vincular, mediante a ação dos sacerdotes, ao poder dos deuses. Apesar de bastante interessantes, essas formulações nos distanciariam do núcleo de nossa argumentação, que desemboca na apropriação do corpo pela indústria cultural.

Como a quase totalidade da abordagem sobre o corpo na *Dialética* é de cunho crítico-negativo, é interessante citar toda a passagem sobre o corpo na Antiguidade grega e medieval, cuja avaliação é positiva:

Entre os senhores da Grécia e no feudalismo, a relação com o corpo ainda era determinada, em parte, pela destreza pessoal no combate como condição do exercício do poder. O cuidado com o corpo possuía, de maneira ingênua, um objetivo social. O kalós kagathós era apenas em parte uma aparência; em parte, o ginásio pertencia à manutenção real do próprio poder, ao menos como treinamento para uma postura condizente com o domínio. (DA 267)

Isso implica dizer que o corpo se mesclava à determinação de si como ser social, constituindo uma unidade simbólica que lhe conferia a suficiente força de determinação do sujeito como um ser de cultura. A excelência corporal se aliava à do intelecto, e suas exigências de destreza, disciplina, contenção, expansão de limites, flexibilidade e demais atributos, em vez de serem uma obrigação ou necessidade de sobrevivência, implicavam o favorecimento da vida não apenas individual, mas também coletiva, cultural e até mesmo filosófica. A continuidade do corpo não corre, por assim dizer, em paralelo às demais determinações de si como ser social, e muito menos as contraria, e essa unidade lhe confere vida em sentido não meramente biológico, orgânico, fisiológico. É precisamente essa totalidade somato-cultural que foi rompida com o advento da modernidade sob o influxo da vida no capitalismo.

A partir da acelerada racionalização científica, com a expansão tentacular dos modos de produção que retiram do trabalhador a vinculação pessoal, individualizada, com o objeto de sua atuação, bem como a concomitante prevalência totalitária do princípio de troca como base universal dos valores, incluindo das relações interpessoais, a lógica valorativa do corpo sofreu uma mutação essencial. Quanto mais o indivíduo se vê impotente diante da acumulação exorbitante do capital, tanto mais insignificante é a percepção de si como possuindo um corpo capaz de fundamentar sua identidade como

pessoa, como ser social e espiritual. A impotência do indivíduo diante da onipotência coletiva, correlata à insignificância do trabalho perante o deslumbrante valor do super-capital acumulado, impregna a percepção de si, convertendo o corpo à mera base material a ser usada e abusada na geração do que efetivamente importa: valores de toda ordem, a começar com, e sobretudo, os econômicos. O corpo-vivo [*Leib*] transforma-se num corpo-meramente-físico [*Körper*], conversível em máquina e instrumento, e a unidade somato-cultural é quebrada ao mimetizar a lógica polarizada da divisão do trabalho, em que os benefícios do planejamento e gerência do lucro ficam de um lado e os prejuízos do desgaste, da fadiga, da insônia, das mutilações, de outro.

3. Glorificação ideológica do corpo e rancor mortífero pela unidade perdida

Passamos agora à realidade do nazifascismo, referida inicialmente, à qual se soma a figura dos criminosos sexuais e homicidas. Trata-se da face mais violenta e mortífera da dialética histórica do corpo, em que a calamidade triunfal do esclarecimento mostra sua face mais sombria.

Como se sabe, o ideário nazifascista apoiou-se em grande medida na ideia de pureza racial, usando como um de seus pilares a apologia do corpo em sua potência vital, seja da besta loura germânica, seja dos esbeltos corpos mediterrâneos¹⁵. Toda essa apologia toma o corpo apenas como um esvaziado símbolo de poder, de supremacia de uma raça que incorpora a ideia de exclusão máxima das diferenças, da solidariedade entre povos, classes, religiões etc. Em vez de uma revivência do corpo, tem-se na verdade o aprofundamento de sua mortificação, de seu aniquilamento como parte de uma unidade viva do ser humano como ser de cultura. Essa idealização coaduna-se perfeitamente com a propaganda de toda a parafernália de cremes, vitaminas, maquiagens, utensílios e demais bens de consumo, vistos como garantindo o acesso de cada indivíduo a este horizonte de valores elevados, circulantes nessa economia que exorta o poder pelo poder.

De forma análoga a como um peixe é consumido por ser “fonte de ômega 3”, uma fruta é traduzida como “rica em vitamina C” ou um doce é rejeitado por “conter X calorias”, a percepção do corpo é filtrada essencialmente por suas medidas: altura, circunferência abdominal, largura dos ombros, percentagem de gordura, tamanho dos seios. Tudo isso demonstra a transformação

15 DA 267.

acelerada da vida em matéria, da totalidade qualitativa em desmembramento quantitativo, do entrelaçamento complexo em unidades discretas, da harmonia tensa na ordenação calculada, da contingência do orgânico na previsibilidade das engrenagens. Situada no complexo geral da sociedade, fundamento de suas estruturas mais significativas — desde a educação básica até os tribunais jurídicos superiores —, essa lógica converge para a mortificação do corpo, e quando as tropas nazifascistas cometem seus homicídios escabrosos, o indivíduo é aniquilado como apenas um corpo que já não era essencialmente vivo, já não era uma parte digna da cultura como uma totalidade de seres concebidos em sua integralidade somato-cultural.

O mesmo princípio de redução drástica do ser vivo à pura matéria desqualificada, morta, aplica-se à lógica motivacional dos torturadores, homicidas, linchadores, membros da Ku Klux Klan, grupos de extermínio e todos aqueles que manifestam a violência mortífera em seu mais alto grau. Agora, porém, outro princípio emerge com clareza, a saber, “o rancor pela reificação, repetindo em uma fúria cega no objeto vivo o que não mais conseguem reverter: a cisão da vida do espírito e seu objeto”¹⁶. A aniquilação violenta da vida, particularmente quando motivada por uma lógica de negação sistemática de determinados grupos, ou em série, de forma contínua e programática, seria o sintoma extremo de uma inveja ressentida, de um despeito rancoroso para com todas aquelas e aqueles que simbolizam a possibilidade de fluidez da vida não apenas em seu substrato orgânico ou meramente físico, mas sim como índice do anseio humano de produzir continuamente formas renovadas de viver e obter legitimação suficiente para elas. A vida humana não quer apenas existir, mas sim progredir rumo a novas possibilidades de assumir a pluralidade de seus desejos, de suas culturas, de suas sexualidades, de suas recusas do *status quo*, e uma série de outras dimensões da existência humana em que corpo, valores, cultura, experiência, história e instituições coexistem e questionam continuamente a lógica e hiper-funcionalizada da maquinaria capitalista¹⁷.

Embora a cultura de massa tenha sido citada no meio do fragmento, os autores não desdobraram o significado da presença do corpo nela, e o motivo certamente é que no capítulo sobre a indústria cultural ele já tenha sido abordado, embora sem muito desenvolvimento (menos de uma página), e é para esse tópico que nos dirigimos agora.

16 DA 268.

17 Essa ideia de busca de legitimidade de formas renovadas de vida aparece em Beauvoir, S.. *Le deuxième sexe*. I Les faits et les mythes. Paris: Éditions Gallimard, 1976, p.32.

4. A amor-ódio pelo corpo na pornografia

Um princípio latente em toda a reflexão de Adorno e Horkheimer sobre o corpo, mas que nos parece muito significativo, é o de que o corpo vivo é o *lôcus* da individuação, uma âncora da singularidade, pois nele não nos reduzimos nem ao substrato natural e suas relações de causa e efeito, suas propriedades químicas e biológicas, mas tampouco nos deixamos definir pelo âmbito abstrato dos conceitos, da linguagem, dos símbolos e valores compartilhados socialmente — ele seria uma espécie de força de resistência ao império da racionalidade instrumentalizada.¹⁸ A indústria cultural é criticada por reduzir ao máximo a espontaneidade do desejo que se tem pelos objetos de prazer, como fica claro na ideia de uma manipulação retroativa das necessidades e de que o esquematismo, tal como pensado por Kant, é usurpado pela cultura de massa, eximindo-se as pessoas da “tarefa” de interpretação dos dados sensíveis.¹⁹ Em ambos os casos, a vinculação singular com o objeto é deslocada para a lógica de orquestração sistêmica de exibição, oferta e circulação dos bens culturais, e é a partir deste mesmo princípio que vemos o corpo vendido pela cultura de massa como objeto de consumo, submetendo-o a um processo *catártico*.

A catarse, como estabelecido de forma paradigmática na *Poética* de Aristóteles, significa o processo de passagem e vivência intensa de um mal, tendo como consequência a percepção de alívio. Na tragédia, segundo o estagirita, os espectadores seriam purgados do excesso de terror e piedade, na medida da vivência de tais afetos diante dos espetáculos, quando se presenciavam as reviravoltas do destino dos personagens da felicidade para a infelicidade.²⁰ Muito já se discutiu sobre o quanto essa concepção faz justiça ao significado da experiência estética, seja para os gregos daquela época seja para a era moderna e contemporânea. Alguns comentadores preferem traduzir catarse como purificação no sentido de idealização estética, quando então

18 É difícil exagerar o quanto a ideia de uma verdadeira individuação é importante no pensamento de Adorno. Daniel Kiepfer traz uma boa formulação a esse respeito: “A qualificação do sujeito para a experiência verdadeira encontra-se em sua individuação intensificada. A individualização do conhecimento, a possibilidade de uma experiência não regulamentada, permanece dependente do conceito teórico-social e do conceito filosófico da história: o diagnóstico do ‘fim do indivíduo’ é a condição prévia para a valorização do individual enquanto instância de conhecimento capaz de verdade”. Kiepfer., *D. op. cit.*, p.141.

19 Sobre esses dois conceitos, cf. Duarte, R. *Indústria cultural*. Uma introdução. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

20 Aristóteles. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

seu significado se voltaria não para os efeitos no espectador, mas sim para a configuração da própria obra de arte.²¹ Adorno e Horkheimer empregaram esse conceito em relação à indústria cultural ao falar de uma catarse da felicidade²². Na *Teoria estética* Adorno compreende a catarse em um sentido puramente estético, próximo à ideia de uma sublimação, de uma refração operada pela lei formal da obra de arte sobre tudo o que é pré-estético.²³ — Tal como o conceito de recalque, trata-se aqui de uma temática muito ampla e complexa, e que não temos o suficiente espaço para seu desenvolvimento adequado. Faremos apenas uma aplicação do conceito de catarse na imagem sexual vendida na cultura de massa.

Nossa ideia é que a *pornografia é o sexo catártico*, e para isso nos servimos da excelente formulação de Jean Baudrillard ao caracterizar a conjuração do real na cultura de massa: “a prática dos signos é sempre ambivalente; ela tem sempre a função de *conjurar* no duplo sentido do termo: de fazer surgir algo a fim de captá-lo por meio de signos (as forças, o real, a felicidade etc.), e de evocar algo para negá-lo e recalá-lo”²⁴. — Nesse sentido, nossa perspectiva é de que a indústria cultural expropria o gozo da individuação ao impregnar o corpo com a evidência do “já-desejado”, diluindo a dialética do ser-si-mesmo na vinculação catártica com o ápice da elevação do contingente ao universal espetacularizado. Na pornografia, embora haja sempre a possibilidade de uma satisfação não-catártica com a imagem sexual, todo o sistema industrializado da extrema positivação do imaginário do corpo indubitavelmente desejado, devido a sua evidência consumada, converge suas forças na configuração de uma sexualidade que conjura, maximaliza e descarrega uma excitação cujo sentido precípua é o de recalcar o gozo com e pela singularidade desejante. Um elemento a ser especificamente recalcado nesse ritual catártico é o sofrimento: a dor da falta, a insuficiência sentida em todo o percurso das relações concretas com o semelhante ao longo do tempo, um sofrer que é, uma vez mais, índice de singularidade.

21 Para um bom panorama das possibilidades de tradução de catarse, cf. Davis, M. *The Poetry of Philosophy*. On Aristotle's Poetics. South Bend: St. Augustine's Press, pp.35-43, 1992, .

22 DA 166,

23 “Enquanto espiritualizada, a obra de arte torna-se, em si mesma, aquilo que outrora se atribuía a ela como efeito sobre outro espírito — como catarse, sublimação da natureza”. Adorno, T. W. *Ästhetische Theorie*. Gesammelte Schriften, vol.7, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997, p.293.

24 Baudrillard, J.. *La société de consommation*. Ses mythes, ses structures. Paris: Denoël, 1970, p.30.

*A produção em série do sexual realiza automaticamente seu recalque. A estrela de cinema, por quem se deve apaixonar, é desde o início, em sua ubiquidade, uma cópia de si mesma. Toda voz de tenor soa quase como um disco de Caruso, e os rostos das moças do Texas já se assemelham, em seu estado natural, aos modelos consagrados segundo os quais seriam tipificadas em Hollywood.*²⁵

Como, por outro lado, o ato sexual e sua culminância no orgasmo implicam uma experiência de descarga afetiva intensa, seria de se perguntar se cabe aí a aplicação do conceito de catarse. Nossa resposta é que *não*, pois nem toda descarga emocional tem seu sentido no recalque e esquecimento do que é vivenciado. Não há como estipular teoricamente o que seja um ato sexual saudável, pois inumeráveis fatores de ordem cultural, geográfica, histórica e suas infinitas variações pessoais dentro de cada um deles impedem a consolidação de princípios prévios. Apesar dessas limitações, podemos dizer que no ato sexual entre duas pessoas está contida a *possibilidade concreta* de uma satisfação positiva derivada da travessia das negatividades dos desejos, dos corpos, dos valores, com suas possibilidades sempre renovadas de trânsito, trocas, leituras e releituras, com a consequente satisfação concreta com o corpo e o complexo de fantasias in- e conscientes a ele vinculadas. Decerto nada disso impede que o ato sexual possa ter sentido catártico em diversos momentos, mas lhe é inerente a possibilidade de não ter esse sentido. Ao fim do fragmento que comentamos acima, os autores apontam o que seria um momento em que o corpo alcança a expressividade da vida em sua integração com o humano em sua totalidade cultural, a saber, o ato sexual: “pois o sexo é o corpo não reduzido, a expressão, aquilo a que aspiram secretamente os homicidas. Na sexualidade livre o assassino teme a imediatidade perdida, a unidade originária na qual ele não pode mais viver. Ela é um morto que levanta e vive”²⁶.

25 DA 162.

26 DA 269.

Referências

- ADORNO, T. W. *Ästhetische Theorie*. Gesammelte Schriften, vol.7, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente*. In: ADORNO, T. W. *Gesammelte Schriften*, vol. 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BAUDRILLARD, J. *La société de consommation*. Ses mythes, ses structures. Paris: Denoël, 1970.
- BEAUVOIR, S. *Le deuxième sexe*. I Les faits et les mythes. Paris: Éditions Gallimard, 1976.
- BENJAMIN, W. Über den Begriff der Geschichte. In: *Gesammelte Schriften*, vol., Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- BORGES, T F. *Interesse pelo corpo na Dialética do esclarecimento de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer*. Dissertação. 2010.
- DAVIS, M. *The Poetry of Philosophy*. On Aristotle's Poetics. South Bend: St. Augustine's Press, 1992.
- DUARTE, R. *Mimesis e racionalidade*. Belo Horizonte: Loyola, 1985.
- _____. *Indústria cultural. Uma introdução*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- FREUD, S. Das Unbehagen in der Kultur. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt: Fischer, 1999.
- GRUBER, A. Leiblichkeit und Triebbegriff. Zum Schicksal des Körpers im poststrukturalistischen Dekonstruktivismus. In: KIRCHHOFF, C & SEHRIEDER, F (Org.) *Freud und Adorno*. Zur Urgeschichte der Moderne. Berlin: Kulturverlag Kadmos, pp.63-90, 2005 .
- JAY, M. *Adorno*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- KIEPFER, D. *Individualität nach Adorno*. Tübingen: Francke, 1998.
- LAPLANCHE, Jean. *Vida e morte em psicanálise*. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- _____. O filogenético. In: _____. *Novos fundamentos para a psicanálise*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, pp.32-41, 1992, .
- LEE, L. Y. *Dialectics of the Body*. Corporeality in the Philosophy of T.W Adorno. New York & London: Routledge, 2005.
- SCHULTZE, L. Körperlichkeit bei Adorno. Eine Bestimmung anhand des Begriffs der Selbsterhaltung. *Soziologiemagazin*, v.12, n.2, p. 38-55, 2023.